

ORGANIZADORAS

Luciana de Oliveira Dias¹
Rosane Aparecida Rubert²
Vera Rodrigues³

APRESENTAÇÃO

PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS AFROLATINAS E CARIBENHAS: A ATUALIDADE DO RACISMO, FASCISMO E NEOLIBERALISMO EM NOSSOS CONTEXTOS

¹ Universidade Federal de Goiás: <https://ppgas.fcs.ufg.br/p/2117-docentes>

² Universidade Federal de Pelotas: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgant/mestrado/docentes/>

³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira:
<https://mestradoantropologia.ufc.br/pt/docentes/>

Este dossiê foi organizado com o objetivo de fazer circular perspectivas e abordagens de antropólogos/as negros/as. Estes/as intelectuais, a partir de um “ponto de enunciação” (VIGOYA, 2009), têm apresentado uma *expertise* original e específica no campo de estudos das relações étnico-raciais, esta uma competência que tem forte relação com experiências teórico-políticas advindas do seu pertencimento racial e de suas identidades nacionais. Consideramos aqui a concretude dos sujeitos que, na maioria das vezes, são ignorados e/ou invisibilizados nos processos de rupturas democráticas como os vivenciados contemporaneamente.

A antropóloga, ativista antirracista e feminista negra Lélia Gonzalez é referenciada como principal aporte teórico e político neste conjunto de documentos. Nos anos 1980, em pleno processo de redemocratização do Brasil, Lélia Gonzalez (1988) cunhou a categoria político-cultural de “Amefricanidade” para evidenciar a presença negra na região, bem como suas resistências e existências. A autora problematiza dimensões que abarcam e asseguram a reprodução do racismo, do colonialismo e do imperialismo.

Recentemente, a filósofa e ativista Angela Davis (2019) proferiu fala sobre a importância do pensamento de Lélia Gonzalez, por ocasião do evento “Democracia em Colapso”, realizado em São Paulo. A pertinência da temática democracia, alinhada ao legado intelectual e inspirador de Lélia Gonzalez, permite que possamos, hoje, reunir em uma abordagem instigante de antropólogos/as negros/as de países como Brasil, Argentina, Uruguai, Colômbia e Haiti em um ponto que possibilita evidenciar seus saberes e fazeres sobre democracia e relações étnico-raciais.

Destacamos a relevância e pertinência de uma organização e apresentação de um dossiê como este nestes tempos de ascensão fascista, racista, misógina e neoliberal. Esperamos que a escrita e a leitura dos artigos ora apresentados permitam uma robusta interpelação à Antropologia, convidada a se posicionar diante de cenários excludentes e desumanizadores de base racista, machista e fascista.

Os artigos que compõem este número da Revista Tessituras buscam desvelar, desde estas perspectivas negras, contextos brasileiros, latino-americanos e caribenhos, na atualidade. O enfoque dado nos manuscritos considera o avanço, bem como a urgente necessidade de enfrentamento, do racismo, do machismo, do fascismo e do neoliberalismo, e, também de seu impacto sobre as populações negras.

O artigo escrito por Luciana de Oliveira Dias e Lyzyê Inácio Almeida resulta de um estudo interdisciplinar de processos de resistência às violações de direitos de trabalhadoras domésticas no Brasil, processos estes conduzidos por movimentos sociais e políticos liderados por mulheres negras. Para alcançar este objetivo foi feito um estudo de relatos retirados da página do *Facebook* - *Eu Empregada Doméstica*, tendo sido feita também uma descrição de fragmentos de vidas, como de Dona Laudelina, que informam uma narrativa insurgente das trabalhadoras domésticas, seus enfrentamentos, heranças e lutas por direitos trabalhistas e hu-

manos. O eixo das reflexões realizadas, que considerou a intersecção entre racismo e machismo, esteve situado nos processos de engajamento e subalternização das trabalhadoras domésticas, majoritariamente negras, no Brasil.

E seguindo a perspectiva de evidenciar narrativas de mulheres negras o artigo “Vidas Negras Importam: o que dizemos nós mulheres negras ativistas, intelectuais e artistas” de autoria de Vera Rodrigues nos traz o entendimento de mulheres negras intelectuais, ativistas e artistas sobre o Movimento “Vidas Negras Importam”, especialmente no cenário brasileiro. A perspectiva teórica e política que perpassa esses depoimentos dialoga com o feminismo negro e a luta antirracista.

No mesmo sentido, de propor reflexões teóricas e políticas que privilegiam narrativas, os autores Kelly Meneses Fernandes e Nivaldo Aureliano Léo Neto se debruçam sobre uma conjuntura política neofascista brasileira firmada por discursos racistas que expressam o desprezo e a indiferença históricos pelas vidas e corpos das populações que constroem, em seus cotidianos, formas de resistências. Ao fazerem isso, eles compartilham o artigo “Narrativas antirracistas no enfrentamento ao contexto de neofascismo: educando sujeitos históricos nas lutas”, o qual nos convida a dialogar com sujeitos históricos, como o movimento negro brasileiro e os desdobramentos da luta antirracista no escopo da educação para as relações étnico-raciais.

Esse convite ao diálogo e a imersão no cotidiano brasileiro se estende ao artigo “Materialidades discriminatórias: racismo concretizado no cotidiano” elaborado por Rafael de Abreu e Souza. Nessa escrita, o autor apresenta algumas contribuições arqueológicas ao debate sobre o racismo no Brasil, enfocando a potência de materialidades discriminatórias que atuam no seio estrutural e sistêmico do racismo à brasileira e, portanto, na manutenção de privilégios materiais.

Em “Etnografia da *Fecheção*: gênero, raça e performance dos *viados de fanfarra* na Bahia”, o autor Vinicius Santos da Silva Zacarias realiza uma análise etnográfica sobre um fenômeno sociocultural baiano, qual seja, a cena performática de homens negros balizadores de fanfarra, conhecidos como *viados de fanfarra*. Esse olhar etnográfico nos conduz à busca por entender as teias culturais que moldam, em certa medida, uma experiência latino-americana e anticolonial de dimensões locais. Para tanto, estão no foco analítico as relações de resistência ante a estrutura, notadamente patriarcal e racista, daquele contexto social.

As experiências socioculturais na interface entre arte, cultura e antropologia também estão presentes no artigo “Juventude Negra e LGBTQ+ no movimento da transgressão como prática de libertação: perspectivas e abordagens etnomusicológicas da BATEKOO”, o qual é uma escrita coletiva do Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica Negô. São discutidas perspectivas, caminhos e percursos de uma pesquisa etnomusicológica desenvolvida por jovens negros/as a partir de suas experiências estéticas sonoras, imagéticas e corpóreas, enquanto pesquisadores/as e praticantes, a partir de uma das ações da plataforma BATEKOO: *a festa*. Assim, configura-se uma abordagem que realiza a etnografia das práticas

musicais da/na festa, por aqueles/as que não são mais objetos de pesquisa, e sim autores/as de seus próprios percursos.

Na continuidade deste dossiê percebemos que para além do cenário brasileiro como potencialmente fértil e desafiador para pensar os temas propostos, encontramos em outros contextos análises que nos convidam a uma interlocução transnacional. É assim que nos deparamos com o texto de Denise Luciana de Fátima Braz, intitulado “A resistência de movimentos sociais e feminismos negros em Buenos Aires: uma cidade que se crê fenotipicamente branca e culturalmente europeia”. A autora nos apresenta um estudo sobre a luta dos movimentos sociais afrodescendentes e também do feminismo negro na cidade de Buenos Aires, Argentina.

É do Uruguai que chega até nós o artigo de autoria de Fernanda Oliver Rodriguez, cujo título é “La afrodescendencia en la antropología uruguaya. Una reflexión afro centrada.” O artigo aborda o racismo no contexto uruguaio e promove reflexões também sobre como a antropologia regional, em uma perspectiva afrocentrada, tem se posicionado analiticamente sobre o fenômeno. Nesse eixo, a autora reflete sobre a (re)produção da racialidade e interpela a colonialidade moderna, presente no campo acadêmico.

Já o autor colombiano Luiz Meza concentra sua análise nos processos de territorialização negra no Pacífico colombiano, os quais são impactados pela racialização do conflito armado no país e as possibilidades do uso estratégico de instrumentos internacionais na defesa de direitos étnico-raciais e territoriais. Dessa perspectiva emerge o artigo “Perspectivas e resistências afro-colombianas. Neoliberalismo, multiculturalismo e conflito social armado” em que o autor relata a experiência de reivindicação do direito ao território e à paz em um contexto atravessado pela violência e pelo racismo.

O artigo intitulado “Construindo Território Negro: o Espaço Humanitário de Puente Nayero (Buenaventura-COL) e a luta antirracista no direito internacional”, de autoria de Daniela Lima Costa, em co-autoria com Marcos Queiroz, aborda dimensões de toda uma luta antirracista no âmbito do direito internacional a partir do estudo do Espaço Humanitário de Puente Nayero, localizado em Buenaventura, na Colômbia. As considerações e reflexões feitas pelos autores gravitam em torno da busca por compreensão do que podemos chamar de “território negro”.

No artigo “A *afroperuanidad* como identidade hemisférica: a construção de identidades raciais políticas na experiência migratória negra”, Camila Daniel propõe um debate sobre como as pessoas afro-peruanas que vivem nos Estados Unidos constroem caminhos próprios para se afirmarem como tais. As reflexões se dão a partir do estudo de um processo político de questionar o *status quo* que invisibiliza a diversidade étnica e nacional da população negra nos Estados Unidos e a diversidade racial da população imigrante peruana.

“O *desempatecimento* pode ser uma prática de otimização estética?” Esse é o questionamento que o autor haitiano Frantz Rousseau Déus nos apresenta ao abordar o tema da despigmentação da pele negra em diferentes contextos.

Valendo-se de uma pesquisa realizada na internet em que o autor reúne falas de usuárias, chamadas publicitárias e discursos de youtubers sobre produtos destinados a *desempretecer* a pele, ele analisa o sentido atribuído a essa prática, bem como problematiza categorias como branqueamento e *desempretecimento*.

Chegamos ao final deste dossiê interpelando o campo antropológico sobre a prevalência de autores e autoras do norte global na formação do campo disciplinar. Bruna Ribeiro Troitinho nos leva a um encontro com Anténor Firmin, antropólogo haitiano que em 1885 publicou *De l'Égalité des races humaines (Da Igualdade das Raças Humanas)*. O artigo "Raça, colonialidade e poder desde Anténor Firmin" discute como o lugar social de Anténor Firmin foi responsável pelo apagamento da sua obra dentro da Antropologia. Nessa análise, a autora propõe a recuperação das discussões iniciadas por escritores subalternizados como alternativa para compreender os limites que ainda existem nas bases teóricas da disciplina.

Na sequência dessa interpelação nos reencontramos com Lélia Gonzalez, em destaque no início deste dossiê, e que vem agora pela escrita de Lourival Aguiar emergir como uma potente intérprete do Brasil no texto "Transculturan-do a Amefricanidade de Lélia Gonzalez: decolonialidades em debate". No texto é proposto um diálogo entre Lélia Gonzalez e Fernando Ortiz para produzir um olhar decolonial da antropologia sobre a experiência vivida por pessoas negras e indígenas no território da América Latina e Caribe.

E como não poderíamos deixar de também interpelar o contexto da pandemia Covid-19 em correlação com a perversidade da desigualdade racial vivenciada dolorosamente em todos os contextos, trazemos a entrevista com o artista afro-estadunidense John Sims realizada por Fabiana Mendes de Souza: "John Sims - as artes como meio para catarses antirracistas". O artista tem trabalhado com a ideia de arte matemática, informada por posicionamentos políticos, como forma de catarse contra o racismo faz um breve relato sobre sua trajetória e expõe sua visão sobre a situação dos afro-estadunidense em época de visibilização da violência policial em seu país, bem como da triste situação dos negros no enfrentamento ao Covid-19.

Boa leitura!!!

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. *Mulheres Negras em Movimento*. Disponível em: <https://midianinja.org/anaclaudino/mulheres-negras-em-movimentos/>. Acessado em 02 de janeiro de 2021.

GONZALEZ, Lélia. A Categoria Político-cultural de Amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92-93, p. 69-82, jan./jun.1988.

VIGOYA, Mara Viveros. *Entrevista con Mara Viveros Vigoya*. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Entrevista%20con%20Mara%20Viveros%20Vigoya.pdf> Acessado em: 04 de janeiro de 2021.